

APPEL À COMMUNICATIONS



Les propositions de communication doivent contenir le titre, l'auteur et son affiliation, ainsi qu'un résumé de 1500 caractères (espaces compris). Une bibliographie peut accompagner le résumé.

Les communications retenues pourront être présentées en français, espagnol, portugais, galicien ou catalan, et doivent être conçues pour une présentation d'une durée de 20 minutes.

Veuillez envoyer votre proposition de communication avant le **30 septembre 2022** aux adresses suivantes : daniel.attala@univ-ubs.fr et immaculada.fabregas@univ-ubs.fr

La réponse vous parviendra avant le 15 décembre 2022.

Une publication des travaux est prévue dans la revue *HispanismeS*.

COMITÉ D'ORGANISATION

- **Daniel ATTALA** (Université Bretagne Sud-Lorient)
- **Immaculada FÀBREGAS** (Université Bretagne Sud-Lorient)
- **María José FERNÁNDEZ** (Université de Bretagne Occidentale-Brest)
- **Iván LÓPEZ CABELLO** (Université de Bretagne Occidentale-Brest)
- **Claudia PANAMEÑO** (Université Bretagne Sud-Lorient)
- **Fátima RODRÍGUEZ** (Université de Bretagne Occidentale-Brest)



Le panhispanisme : tensions, écarts, rencontres

Le mot *panhispanisme* (ou *panhispanismo* en espagnol) est apparu quelques décennies plus tard que ses analogues *pangermanisme*, *panslavisme* ou *panlatinisme* alors que l'Espagne perdait ses dernières possessions ultramarines. Tout au long du XX^e siècle, le terme *panhispanismo* a cohabité avec d'autres mots plus ou moins équivalents comme *hispano-americanismo*, *ibero-americanismo*, *hispanismo* ou même *hispanidad*, des mots à la signification plus restreinte tels que *hispanoaffricanismo* et *hispanojudaísmo*, voire des mots alternatifs comme *pancatalanisme* ou *paniberismo*. Le mot *panhispanisme* a toujours fait référence, surtout, à la langue en ce qu'elle constitue le dénominateur commun d'un ensemble de territoires dans lesquels on utilise l'espagnol de façon plus ou moins prépondérante. Réapparu avec force lors du premier *Congreso de Instituciones Hispánicas*, qui s'est tenu à Madrid en 1963, le terme *panhispanisme* revient avec plus de vigueur encore en 2004. Ce fut l'année du *III Congreso Internacional de la Lengua Española* organisé par l'*Instituto Cervantes*, la *Real Academia Española* (RAE) et l'*Asociación de Academias de la Lengua Española* (ASALE), dont le sujet portait sur l'identité linguistique et la globalisation, ainsi que celle de la publication du fascicule *La nueva política lingüística panhispánica*, où ces deux dernières institutions redéfinissaient leur politique linguistique. Désormais, la RAE et l'ASALE ne poursuivraient plus la *pureté* de la langue, mais son *unité*, seul aspect qui permettrait de « parler de la communauté hispanophone » sans pour autant bannir les « variétés internes » de l'idiome et son « évolution ».

Le but du prochain colloque international de la SHF est de s'interroger, de débattre et d'échanger, depuis des approches et des perspectives variées, sur la notion et la réalité du *panhispanisme*. Effectivement, ce terme est de plus en plus souvent convoqué dans le discours des institutions consacrées à la langue et à la culture hispaniques, de même que dans le discours des personnalités publiques, la presse, l'enseignement et, bien évidemment, dans la recherche sur l'histoire plus ou moins récente des mondes hispanophones. Comme en témoignent les travaux les plus actuels, la notion et la réalité de ce *panhispanisme* sont soumises à des *tensions*, des *écarts* et des *rencontres* diverses et variées : avec d'autres langues, notamment les langues dites indigènes, vernaculaires, régionales ou minorisées des différents territoires et espaces hispanophones, mais aussi la langue anglaise ; avec les variétés de l'espagnol lui-même ; les politiques linguistiques, publiques, notamment, dans les pays concernés ; les politiques mémorielles et la mémoire des peuples en général ; l'enseignement de la langue, aussi bien comme langue autochtone que comme langue étrangère ; la création littéraire, l'écriture scientifique, journalistique et l'édition ; les enjeux d'internet, des réseaux sociaux et d'autres technologies de la communication... L'hispanisme, le lusitanisme, le galéguisme, le catalanisme et l'américanisme sont concernés par cette thématique qui se déclinera en plusieurs disciplines : lexicographie, dialectologie, traductologie, didactique de la langue, analyse du discours, glottopolitique, sociolinguistique, civilisation, études culturelles, études postcoloniales, études cinématographiques et histoire en général.

Panhispanismo : tensões, desvios, encontros

A palavra *panhispanismo* apareceu algumas décadas depois das análogas de *pangermanismo*, *paneslavismo* ou *panlatinismo*, no momento em que a Espanha perdia as suas últimas possessões ultramarinas. Ao longo do século XX, o termo *panhispanismo* coabitou com outras palavras, mais ou menos equivalentes, como *hispano-americanismo*, *ibero-americanismo*, *hispanismo* ou mesmo *hispanidade*, termos com significação mais restrita, tais como *hispanoaffricanismo* e *hispanojudáismo*, ou mesmo palavras alternativas como *pancatalanismo* ou *paniberismo*. A palavra *panhispanismo* designou especialmente a língua, na medida em que constitui o denominador comum de um conjunto de territórios nos quais se utiliza espanhol de maneira mais ou menos preponderante. Retomado durante o 1º Congresso de Instituições Hispânicas, que se realizou em Madrid em 1963, o termo *panhispanismo* voltou ainda com mais vigor em 2004. Foi no ano do 3º Congresso Internacional da Língua Espanhola organizado pelo Instituto Cervantes, a Real Academia Espanhola (RAE) e a Associação de Academias da Língua Espanhola (ASALE), cujo tema foi a identidade linguística e a globalização, ano em que também se publicou o fascículo *La nueva política lingüística panhispánica*, que as duas últimas instituições redefiniram a sua política linguística. Doravante a RAE e a ASALE não insistiriam mais na *pureza* da língua, mas sim na sua *unidade*, o único aspeto que permitiria « falar da comunidade hispanófono » sem no entanto banir as « variedades internas » do idioma e da sua « evolução ».

O objetivo do próximo simpósio internacional da SHF é questionar, debater e trocar ideias, a partir de abordagens e perspetivas diversas, sobre a noção e a realidade do *panhispanismo*. De facto, este termo é cada vez mais convocado no discurso das instituições dedicadas à língua e à cultura hispânicas, assim como no discurso das personalidades públicas, na imprensa, no ensino e, evidentemente, na investigação sobre a história mais ou menos recente dos mundos hispanófonos. Como evidenciam as pesquisas mais atuais, a noção e a realidade deste *panhispanismo* estão sujeitas a *tensões*, *desvios* e *encontros* diversos e variados : com outras línguas, nomeadamente as línguas ditas indígenas, vernáculas, regionais ou minoritárias dos diferentes territórios e espaços hispanófonos, mas também com a língua inglesa; com as variedades do próprio espanhol; as políticas linguísticas, públicas, nomeadamente nos países em causa ; as políticas memoriais e a memória dos povos em geral ; o ensino da língua, tanto como língua nativa ou como língua estrangeira ; a criação literária, a escrita científica, jornalística e a edição; os desafios da internet, das redes sociais e de outras tecnologias da comunicação... O hispanismo, o lusitanismo o galeguismo o catalanismo et o americanismo são abrangidos por esta temática que se declina em várias abordagens disciplinares : lexicografia, dialetologia, didática da língua, análise do discurso, glotopolítica, sociolinguística, estudos culturais, estudos pós-coloniais, estudos cinematográficos e história em geral.

O panhispanismo : tensións, desviacións, encontros

O termo *panhispanismo* apareceu uns decenios despois dos seus análogos *panxermanismo*, *paneslavismo* ou *panlatinismo*, au tempo en que España perdía as súas derradeiras posesións ultramarinas. Ao longo do século XX, a verba conviviu con outras relativamente achegadas, como *hispanoamericanismo*, *iberoamericanismo*, *hispanismo* ou mesmo *hispanidad*, palabras con significado máis restrinxido, tales como *hispanoafricanismo* ou *hispanoxudaísmo*, ou aínda outras alternativos como *pancatalanismo* ou *paniberismo*. O termo *panhispanismo* sempre fixo referencia á lingua en tanto ista constitúe o común denominador d'un conxunto de territorios nos que se emprega o español de xeito máis ou menos preponderante. Reapareceu con forza no primeiro Congreso de Instituciones Hispánicas, celebrado en Madrid, en 1963, o termo *panhismanismo* retorna se cadra con máis vigor en 2004. Foi o ano do *III Congreso Internacional de la Lengua Española*, organizado polo *Instituto Cervantes*, a *Real Academia Española* (RAE) e a *Asociación de Academias de la Lengua Española* (ASALE), adicado á identidade lingüística e globalización, e tamén o da publicación do fascículo *La nueva política lingüística panhispánica*, no que ámbalas dúas institucións redefinían a súa política lingüística. A partir de aí, a RAE et a ASALE xa non perseguirían a *pureza* da lingua senón a súa *unidade*, único aspecto que permitiría « falar de comunidade hispanofalante » sen rexeitar por elo as « variedades internas » do idioma e a súa « evolución ».

O obxectivo do próximo simposio internacional da SHF é o nos interrogarmos, debater e dialogar, a partir de achegamentos e perspectivas variadas, acerca da noción et da realidade do *panhispanismo*. De feito, o termo é cada vez máis convocado nos discursos das institucións dedicadas á lingua e á cultura hispánicas, así como nos discursos das personalidades públicas, prensa, ensino e, obviamente, nas investigacións sobre a historia máis ou menos recente dos mundos hispanofalantes. Tal e como testemuñan as investigacións actuais, a noción e a realidade do panhispanismo vense suxeitas a *tensións*, *desviacións* e *encontros* varios: xunto con outras linguas das chamadas indíxenas, vernáculos, rexionais ou minorizadas dos diferentes espazos e territorios, pero tamén coa lingua inglesa, ou coas variedades do propio español: as políticas lingüísticas, públicas, especialmente nos países atinxidos; as políticas memorialistas e a memoria dos pobos en xeral; o ensino da lingua, quer coma lingua autóctona ou extranxeira; a creación literaria, a escritura científica, xornalística e a edición; os retos de internet, as redes sociais e outras tecnoloxías da comunicación. O hispanismo, o lusitanismo, o galleguismo, o catalanismo ou o americanismo vense atinxidos por esta temática, que se declinará en varias disciplinas: lexicografía, dialectoloxía, traductoloxía, didáctica da lingua, análise do discurso, glotopolítica, sociolingüística, civilización, estudos culturais, postcoloniais, cinematográficos e historia en xeral.

El panhispanisme: tensions, desviaments, encontres

La paraula *panhispanisme* (o *panhispanismo* en espanyol) va aparèixer algunes dècades més tard que els seus anàlegs *pangermanisme*, *paneslavisme* o *panllatinisme* quan Espanya perdia les últimes possessions ultramarines. En el decurs del segle XX, el terme *panhispanisme* va conviure amb altres mots més o menys equivalents com *hispano-americanisme*, *ibero-americanisme*, *hispanisme* o fins i tot *hispanitat*, paraules amb un significat més restringit com ara *hispanoaffricanisme* i *hispanojudaisme*, fins i tot paraules alternatives com *pancatalanisme* o *paniberisme*. El mot *panhispanisme* sempre ha fet referència, sobretot, a la llengua en la mesura que aquesta constitueix el denominador comú d'un conjunt de territoris en els quals s'utilitza l'espanyol de manera més o menys preponderant. Així com el terme *panhispanisme* va reaparèixer amb força durant el primer *Congreso de Instituciones Hispánicas*, que se celebrà a Madrid l'any 1963, aquest terme va tornar encara amb més vigor l'any 2004. Fou l'any del *III Congreso Internacional de la Lengua Española* organitzat per l'*Instituto Cervantes*, la *Real Academia Española* (RAE) i l'*Asociación de Academias de la Lengua Española* (ASALE). El tema del congrés va ser la identitat lingüística i la globalització. També fou l'any de la publicació del fascicle *La nueva política lingüística panhispánica*, en el qual les dues darreres institucions redefinien llur política lingüística. Des d'aleshores, la RAE i l'ASALE ja no perseguirien la *puresa* de la llengua, sinó la seva *unitat*, com a únic aspecte que permetria «parlar de la comunitat hispanoparlant» sense bandejar tanmateix les «varietats internes» de l'idioma i la seva «evolució».

L'objectiu del proper col·loqui internacional de la SHF és preguntar-se, debatre i intercanviar, des de punts de vista i perspectives ben variades, sobre la noció i la realitat del *panhispanisme*. Efectivament, aquest terme és cada cop més utilitzat en el discurs de les institucions dedicades a la llengua i a la cultura hispàniques, com també en el discurs de les personalitats públiques, la premsa, l'ensenyament i, ben evidentment, en la recerca sobre la història més o menys recent dels mons hispanoparlants. Com ho testimonien les recerques més actuals, la noció i la realitat d'aquest *panhispanisme* es veuen sotmeses a *tensions*, *desviaments* i *encontres* molt diversos: amb altres llengües, sobretot les llengües dites indígenes, vernacles, regionals o minoritzades, els diferents territoris i espais hispanoparlants, com també la llengua anglesa; amb les pròpies varietats de l'espanyol; les polítiques lingüístiques, públiques, sobretot, en els països en qüestió; les polítiques memorials i la memòria dels pobles en general; l'ensenyament de la llengua, tant com a llengua autòctona com a llengua estrangera; la creació literària, l'escriptura científica, jornalística i l'edició; els reptes d'internet, les xarxes socials i altres tecnologies de la comunicació... L'hispanisme, el lusitanisme, el galleguisme, el catalanisme i l'americanisme estan relacionats amb aquesta temàtica que alhora inclourà diverses disciplines: lexicografia, dialectologia, traductologia, didàctica de la llengua, anàlisi del discurs, glotopolítica, sociolingüística, civilització, estudis culturals, estudis postcoloniais, estudis cinematogràfics i història en general.

El panhispanismo: tensiones, desviaciones, encuentros

El vocablo *panhispanismo* apareció unas décadas más tarde que sus análogos *pangermanismo*, *panslavismo* ou *panlatinismo*, en el momento en que España perdía sus últimas posesiones de Ultramar. A lo largo del siglo XX, el término *panhispanismo* convivió con otras palabras más o menos equivalentes como *hispano-americanismo*, *ibero-americanismo*, *hispanismo* o aún *hispanidad*, palabras de significado más restringido como *hispanoaffricanismo* e *hispanojudaísmo* e inclusive palabras alternativas como *pancatalanisme* ou *paniberismo*. El vocablo *panhispanisme* siempre ha hecho referencia, sobre todo, a la lengua, en la medida en que la lengua es el denominador común de un conjunto de territorios en los que se utiliza el castellano de manera más o menos preponderante. Retomado con ímpetu en el primer *Congreso de Instituciones Hispánicas* realizado en Madrid en 1963, el vocablo *panhispanisme* regresa con más vigor aún en 2004. Fue el año del *III Congreso Internacional de la Lengua Española* organizado por el *Instituto Cervantes*, la *Real Academia Española* (RAE) y la *Asociación de Academias de la Lengua Española* (ASALE) y cuyo tema fue la identidad lingüística y la globalización; fue al año, asimismo, de la publicación del fascículo *La nueva política lingüística panhispánica*, en el que las dos últimas instituciones redefinían su política lingüística. A partir de ese momento, la RAE y la ASALE ya no perseguirían la *pureza* de la lengua sino su *unidad*, único aspecto que permitía “hablar de la comunidad hispanohablante” sin por ello negar las “variedades internas” del idioma ni su “evolución”.

El objetivo del próximo coloquio internacional de la SHF es preguntarse, debatir y dialogar, desde enfoques y perspectivas diferentes, sobre la noción y la realidad del *panhispanismo*. En efecto, el vocablo es cada vez más utilizado en los discursos de las instituciones consagrados a la lengua y a la cultura hispánicas, así como en los discursos de personalidades públicas, la prensa, la enseñanza y, desde luego, la investigación sobre la historia más o menos reciente de los mundos de habla hispana. Como lo muestran los trabajos más actuales, la noción y la realidad del panhispanismo están sometidas a *tensiones*, *desvíos* y *encuentros* diversos y variados: con otras lenguas, en especial las lenguas llamadas indígenas, vernáculas, regionales o minoritarias de los diferentes territorios y espacios de habla hispana, pero también la lengua inglesa; con las variedades del mismo español; las políticas lingüísticas, públicas, sobre todo, en los países interesados; las políticas memoriales y la memoria de los pueblos en general; la enseñanza de la lengua y ello igualmente como lengua autóctona y como lengua extranjera; la creación literaria, la escritura científica, periodística y la edición ; los desafíos de Internet, de las redes sociales y de otras tecnologías de la comunicación... El hispanismo, el lusitanismo, el galleguismo, el catalanismo y el americanismo están interesados en esta temática que se declinará en varias disciplinas: lexicografía, dialectología, traductología, didáctica de la lengua, análisis del discurso, glotopolítica, sociolingüística, civilización, estudios culturales, estudios postcoloniales, estudios cinematográficos e historia en general.